Sociedade Martins Sarmento
GUIMARÃES

Jornal defensor dos interesses de Guimarães e o de maior tirage... o

Notícias de Guimarães

Ano 19.º N.º 953
GUIMARÃES, 7 de Maio de 1950
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visada pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Uma data
e duas palavras

Foi em dois de Maio de 1949, que o Sr. João Rodrigues Martins da Costa foi investido no cargo de Presidente da Câmara Municipal deste concelho.

Assistimos, no Governo Civil de Braga, ao acto de posse de sua ex.ª e, entre outras, ouvimos-lhe fazer as seguintes afirmações: «*Sou Vimaranense de alma e coração e esta qualidade me bastará para fazer pela minha terra tudo quanto me for possível; não me preocuparei com trabalhos e até com sacrifícios, desde que de uns e de outros resulte qualquer coisa de útil para a mesma*». Se analizarmos, com imparcialidade e com a devida justiça, a sua acção durante o primeiro ano da sua actividade no referido cargo não deveremos deixar de reconhecer que as afirmações, a que acima fazemos referência, não foram feitas a título de velhas praxes em actos de tal natureza, mas sim com a convicção de prometer e de cumprir.

De facto, os seus desejos de bem servir os interesses de Guimarães não têm sido relegados para plano inferior nem têm sido vítimas de qualquer comodismo ou de qualquer indiferença da sua parte. Principiando por enfrentar a sério o problema *número um* da Administração Municipal — o abastecimento de água à cidade, esse importante e urgente melhoramento está em curso e dentro em breve principiarão a ser colhidos os benefícios que o mesmo proporcionará à população da cidade, tão ansiosa por ter a água necessária para os seus usos domésticos e outros. Igualmente se encontram em nova fase de prosseguimento os trabalhos da Praça do Mercado, assim como dentro em pouco será iniciada a construção de um bairro de casas económicas, etc., etc. Além disso, foram aumentados em *cem por cento* os subsídios concedidos às Casas dos Pobres do concelho, tornando-se, assim, mais expansiva a protecção aos mais infelizes, isto é, àqueles que não têm lar nem pão. Perante a realidade de tais faltas, só as pessoas de má fé ou aquelas que costumam usar lentes para evitar a vista em vez de a tornarem mais aumentada poderão deixar de ver o que acabamos de referir. Evidentemente, que são muitos mais os melhoramentos de que a cidade e o concelho carecem, mas ninguém deverá ter a pretensão de que tudo se resolva sem o devido tempo ou a devida oportunidade. E nós, que não pretendemos ser agradável por hipocrisia nem costumamos, por isso mesmo, exaltar os actos de quem quer que seja sem que a nossa consciência assim o ordene, dedicamos estas breves palavras ao primeiro aniversário da posse do Sr. Presidente da Câmara, ocorrido no passado dia 2, com a única intenção de exteriorizarmos o que sentimos acerca da acção de sua ex.ª, prenúncio de melhores dias para as principais e justas aspirações dos Vimaranenses.

De resto, nada nos custa elogiar ou criticar desassombradamente, sempre que o elogio ou a crítica tenham lugar. Não seguimos o exemplo dos que atiram a pedra e escondem a mão, nem nos deixamos dominar por paixões que possam atraiçoar a nossa consciência e a nossa dignidade, razão por que é com grande satisfação que praticamos este acto de justiça perante quem se torna digno dela.

S. M.

Comemoração da Semana do Ultramar Português

A convite da Sociedade de Geografia, promoveu o comando do Batalhão 13 da Legião Portuguesa, no último sábado, na respectiva sede, uma brilhante sessão para comemoração da Semana do Ultramar Português, na qual foi orador o distinto oficial daquela unidade e Vice-reitor do Liceu de Guimarães, Sr. Dr. Henrique Francisco dos Santos, que subordinou o seu trabalho ao título: «A posição de Moçambique perante os territórios seus vizinhos».

Na sua interessante palestra, o Sr. Dr. Henrique dos Santos focou o valor dos produtos daquela colónia, disse das relações desta com os povos seus vizinhos, citou nomes de guerreiros e missionários que contribuiram para a grandeza do nosso Império Ultramarino, terminando o seu bem documentado trabalho com palavras de justiça e de admiração para o Sr. Presidente do Conselho, pelo muito que nos últimos anos tem contribuido para as prosperidades dos nossos domínios.

A' sessão presidiu o Sr. José Mendes Ribeiro Júnior, comandante local da L. P., que tinha a ladeá-lo os Srs. Manuel Alves de Oliveira, em representação da Câmara Municipal; Rev. Domingos Novais, em representação do Sr. Arcipreste de Guimarães; Dr. João Rocha dos Santos, presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. José Maria de Castro Ferreira, Sub-delegado regional da Mocidade Portuguesa, e Dr. Euríola Roseira Boavida, representante do Sr. Reitor do Liceu.

Entre a assistência vimos ainda os Srs.: Dr. Carlos Saraiva, Dr. Eduardo Borges de Mascarenhas, Mário de Sousa Meneses, António Emílio da Costa Ribeiro, Dr. Joaquim de Oliveira Torres, Capitão José Maria de Magalhães e Couto, Capitão João Gomes de Abreu Lima, Tenente Pedro Machado, Luís Filipe Coelho, Joaquim de Azevedo, Carlos Pinto Leite, Alferes Leite da Cunha, Julião Carneiro da Silva, vários oficiais da L. P., algumas senhoras, etc.

O Sr. José Mendes Ribeiro Júnior ao abrir a sessão proferiu algumas palavras sobre o significado e os motivos que levaram ali à realização do acto, agradecendo a presença de todos os presentes.

Fez em seguida a apresentação do ilustre palestrante, para quem teve palavras de apreço e admiração.

O Sr. Dr. Henrique dos Santos foi muito ovacionado e cumprimentado no final da leitura do seu trabalho.

VISITANTE ILUSTRE

Na sua passagem para Roma e de visita ao nosso País, esteve nesta cidade o Sr. Dr. Pilínio Correia de Oliveira, da Universidade de S. Paulo, que, acompanhado do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, visitou o Castelo e os Paços dos Duques de Bragança.

TEMPLO DE S. DOMINGOS

Segundo informação do Director do Museu Alberto Sampaio, vão recomeçar dentro em breve as obras de reconstrução do edifício gótico-primário da Igreja de S. Domingos, um dos monumentos cíclico-artísticos do nosso grande núcleo monumental.

FIM

Neste meu fim da vida, e já sem rumo
Da que sonhei vivida com mais sorte,
Deixa que eu te relembre o tempo como
Cheguei a ser alguém audaz e forte...

De ninguém que hoje sou, que me consumo
Nos transes de viver, perdi meu norte...
Lume que ardeu em mim é hoje fumo
E cada vez mais perto eu sinto a morte...

No teu ombro descanso esta cabeça
Que teve sonhos lindos e começa
Agora, já cansada, a delirar...

Como a vida era boa sem abrolhos!...
Afunda esses teus olhos nos meus olhos
E deixa-os neste fim, amor, sonhar...

Abril de 1950.

DELFIM DE GUIMARÃES.

Senhoritas Galegas
Compostela e Guimarães

Ao remanso da minha aldeia chegou a boa, a grata notícia — de que as universitárias académicas de Santiago de Compostela foram bem recebidas na sua visita a Guimarães.

Receber bem, dar hospitalidade, acolher em nossa casa o estrangeiro, é timbre de lhanesa e primor de educação. E' isso próprio dos vimaranenses.

Não aludo, porém, à recepção no ponto de vista festeiro. Mais ou menos garridice no modo de receber, pode impressionar agradàvelmente, e oferecer aos cronistas a fórmula oficial de uma boa recepção.

Contudo... A moldura das bandeiras e galhardetes e o estridor das filarmónicas e girândolas não me impressionariam, nesta emergência, se outros atributos não tivesse a acolhida dos visitantes. O pormenor que vale destaque em toda a grinalda de gentilezas que ornou o programa da recepção, foi o pormenor, de sabor íntimo, que nos diz — terem sido recebidas as mensageiras da cidade galega no lar de algumas famílias vimaranenses.

Isto, sim, que vale!

E por que procederam assim desta forma tão portuguesíssima, tão à maneira antiga?

Pagamento de dívida contraída, a quando da visita dos vimaranenses à vetusta Compostela?

Talvez.

* * *

Em meu espírito vive, com nítida emoção, a lembrança duma colónia de banhistas galegos na praia da Póvoa de Varzim, onde tive a ventura de gozar seu trato requintadamente amistoso e garrulo. Sua expansibilidade, a mais bizarra, enchia-me de encantamento. As suas *charlas*, eram animadas, coloridas, viçosas. Como se uma janela aberta para os largos horizontes me inundasse de luz, de ar, de sol, assim meu ânimo se retemperava e fazia outro, ao contacto dos meus companheiros de praia — amigos eventuais.

Então pude constatar: — que nós, os portugueses, não éramos tão comunicativos.

Seria ilusão minha? Para me fortalecer na justeza do meu conceito julgador, veio ao meu encontro este depoimento de crítico antorizado:

«Nada impressiona mais agradàvelmente o forasteiro que chega Espanha, do que as amabilidades que os espanhóis se dispensam mùtuamente, e muito especialmente a um estrangeiro. Este fica surpreendido não só da forma cativante como lhe é oferecido um simsimples cigarro, mas a da franqueza como o convidam a servir-se até do próprio cabaz da comida, o que os italianos e franceses são incapazes de fazer; igualmente ficam admirados de que lhe paguem qualquer despesa, como acontece quando vários espanhóis se sentam à mesa do café, e um paga por todos».

Com efeito impressiona, sensibiliza a gentilhomeria do trato, nomeadamente quando esses requintes de boas maneiras se observam entre pessoas estrangeiras.

— *Perdone usted!*

Dizia-me, cortezmente, um dos membros dessa colónia galega na praia da Póvoa de Varzim, quando queria opor suas razões em favor de Primo de Rivera —, como se me não cumprisse a mim o proferir a frase cortês, *perdone usted!* pelo ousio de meter colherada no governo político da *casa alheia*.

* * *

Li há dias: que os franceses se propõem promover em seu País uma campanha, pela qual se restaure nos seus hábitos aquela tradicional gentileza, tão peculiar, outrora, aos seus costumes. E' que, na verdade, se nota por toda a parte a tendência em se resvalar para o tamanco.

Confúcio, o profeta da India que guiou tantas gerações, fixou em código de moral, como 1.ª obrigação, o exercício das boas maneiras.

Questão de educação — dizem — quantos não põem confiança na polícia dos bons costumes.

Vamos, porém, bastante em plano inclinado.

O grosseirismo que nos subverte, foi, em parte, produto da brutalidade de duas guerras.

A educação do Espírito cedeu o passo à reeducação do músculo.

— *Arre bruto!* está hoje na ordem do trato vulgaresco.

Não pertenço à época dos *pisa-flores*, amaneirados, beijoqueiros das mãos de damas perliquitetes. Sou plebeu à minha maneira; mas distingo. Gosto da sóbria gentileza.

Quando vejo as senhorinhas de hoje queixarem-se do excesso de avontade nos solilóquios dos moços, e da sua ausência de gentilhomeria para com elas, logo me vem à lembrança as actuais campanhas de feminismo agudo, em que um dos mais funestos resultados é a masculinização da Mulher.

Bem hajam, pois, os que — como os meus acolhedores conterrâneos — trabalham por restaurar o domínio risonho das boas maneiras.

Quinta das Aves
Delães

A. L. de Carvalho

NADA!

Já lá vai mais de um ano desde que levantámos aqui um grito de revolta contra a indiferença criminosa ou cumplicidade arrepiante daqueles a quem cabe a responsablilidade da destruição, que continua e progride, — é talvez a única coisa que progride nesta terra! — da imponente montanha da Penha.

E o nosso grito, que tem repercutido desde então por muitos números deste jornal, não consegue, — ai de nós, vimaranenses, e da Penha! — desempedernir a sensibilidade ou desobstruir a compreensão ou despertar o brio de quem não dá um passo para acudir a tamanha calamidade!

A destruição prossegue. Nem numa só das pedreiras sustou o labor infernal; e outras mais vão surgindo para que o despedaçar dos penedos seja mais rápido, mais assolador e mais descarado e afrontoso.

Também a nossa revolta não afrouxa, nada conseguirá abafar o nosso brado; contra a teimosia do erro ou da inépcia há-de manifestar-se sempre a nossa indignação, o nosso culto pelo belo, a nossa dedicação pela terra!

Um dia correu que da parte de quem poderia fazer cessar a exploração gananciosa que nos destrói, numa fúria de vândalos, a beleza característica da nossa Penha, havia o melhor dos desejos de impedir a continuação do descalabro, se lei existisse que para tanto desse poderes.

Acreditámos: acredita-se sempre em tudo quanto venha ao encontro dos nossos votos; e logo nos apressámos a mostrar aqui, com todos os pormenores, que havia lei, mais do que uma lei, não apenas a permitir a proibição do vandalismo mas, sobretudo, a impô-la.

E o resultado? Nada!

No decorrer das nossas considerações sobre a Penha, chamámos, por várias vezes, a atenção de quem tenha o dever e a conveniência de atender os clamores públicos, para outra destruição, esta calamitosa também mas remediável, a da estrada da cidade à Penha pela Costa.

Há anos que esta estrada, de extraordinária beleza, a única que para efeitos de turismo deve ser aproveitada, está exclusivamente destinada ao serviço das carroças dos exploradores da penedia da Penha, que a esbarrondaram; mas estes mesmos já começam a protestar, porque, tendo-se modernizado o transporte da pedra que dantes era feito exclusivamente em carros de bois e agora passou a sê-lo em enormes camiões, mais elegantes, mais turísticos e mais rápidos, receiam que as fortíssimas molas se lhes partam.

E' sabido que o Estado tem tido um especial cuidado com as estradas do país e que prontamente atende as reclamações que recebe relativas à sua conservação. Outras estâncias de turismo, não mais merecedoras, do que a nossa da Penha, dos favores dos poderes públicos, têm conseguido a construção e o empedramento das suas vias de acesso. E' difícil de acreditar, por isso, que a reconstrução, alargamento e o revestimento a paralelipípedos da estrada de Guimarães à Penha pela Costa não tivessem já sido ordenados, e de boa vontade, pela Direcção das Estradas, se até ela tivessem chegado, a tempo e com o interesse devido, as necessárias solicitações.

Há um ano que vimos lembrando este assunto a quem não devia precisar das nossas advertências e agora com o apoio valioso dos carroceiros das pedreiras.

E o resultado? Nada!

E' certo que, não havendo estrada, parece que não merece a pena pensar-se num serviço de transportes para aquela estância. No entanto, têmo-lo reclamado e até já apelamos para meia dúzia de jumentos que fossem postos à disposição de quem não possa subir a pé. Mas, se a estrada por onde esse serviço de transporte devia ser organizado, tem de ser, fatal e exclusivamente, reservada para uso dos senhores da colossal pedreira a que querem reduzir a Penha, ainda nos resta a dos Belos Ares, relativamente, sem beleza e mais ingreme, por onde, todavia, esse serviço pode ser organizado.

O que não faz sentido é que não haja um meio de transporte regular, permanente, cómodo e barato, para quem queira visitar a estância. Não se trata, nem nisso se deve pensar, de um negócio, de uma organização para remuneração de capitais. O fim a atingir não é o lucro material expresso em milhares de escudos; e esse viria, também e depressa, ao cabo de pouco tempo; o que se deve ter em vista é o progresso de Guimarães pela facilitação do conhecimento e desenvolvimento da sua extraordinária estância de beleza local e panorâmica, estabelecendo-se-lhe o acesso fácil e permanente, sem o que ela continuará a ser ignorada até de uma grande parte dos vimaranenses!

Temo-nos esforçado por despertar a atenção para este pormenor importantíssimo, essencial, da exploração da estância, e já mesmo tentámos criar um estímulo que nos parecia capaz de um milagre, lembrando que há 24 anos as comunicações de Guimarães e de Braga com a Penha estiveram prestes a estabelecer-se de uma forma esplêndida.

Resultado? Nada!

Quase tão necessário como os transportes é um bom hotel; seria enfadonho repetir as razões que há para justificar a promoção imediata e já bem tardia, das providências adequadas para a construção e exploração de um hotel moderno, confortável, que garanta a todos os turistas uma permanência agradável e higiénica. Elas estão na consciência de todos. O hotel que existe é uma vergonha; já o era há 50 anos. E agora, desde há um ano para cá, justamente desde que começaram os nossos clamores, desfaz-se aos pedaços. As fachadas mais em evidência, em completa ruína, revelam uma incúria que nos desacredita e vexa perante tantos visitantes que ali afluem.

A substituição do barraco reles a que chamam *bar*, por qualquer coisa decente, ampla e atraente, onde se possa tomar chá ou um refresco, também se impõe e é fácil e barata.

A uma e outra coisa nos temos referido na nossa ânsia de colaborar, da única forma que nos é possível, na obra que compete aos verdadeiros amigos da Penha.

E o resultado? Nada?

A expropriação dos terrenos da Irmandade e de todos os restantes que fiquem compreendidos na área da estância, cuja delimitação é urgente que se faça, bem como a dos que sejam necessários para manutenção das servidões de passagem que ainda restam do antigo caminho a festo da cidade à Penha, é caso que tem de ser resolvido, que há muito já o devia ter sido.

Há providências urgentíssimas a tomar para que a luz não continue a sumir-se, justamente às horas em que mais precisa ela é, e os turistas se não tenham de servir de cotos para jantar.

Também convém que se restabeleça o serviço do correio que já em tempos idos existiu.

De tudo isto temos, mais ou menos, tratado em artigos anteriores.

E o resultado? Nada!

Há uma tarifa do preço por quilómetro dos automóveis de aluguer, válida para todo o país, e, já antes disso, ainda no tempo em que nem automóveis havia, nas localidades com lugares interessantes a visitar, se estabeleciam tabelas de preços de transportes, que não podiam ser excedidos.

De Guimarães à Penha, por essa tarifa, o preço de ida e volta, fora a paragem, não devia ir além de 22 ou 25 escudos, segundo o tamanho do carro. Não se faz caso disso e os motoristas exigem o dobro ou mais ainda.

Fiscalização? Nada!

(Conclui na 4.ª página)

O Instituto Francês em Guimarães

Cerca de cem pessoas, consagrando o nosso grande movimento turístico, estiveram, no último domingo, em Guimarães, constituindo um notável grupo de franceses e portuenses, que visitaram e admiraram os nossos monumentos, os nossos museus e a nossa vida de sociedade.

Visitaram a Sociedade Martins Sarmento, sob a informação cultural do Sr. Coronel Mário Cardoso; o tempio de Nossa Senhora da Oliveira e o Museu de Alberto Sampaio, sob a direcção do Sr. Alfredo Guimarães; sob a acção patriótica e artística deste mesmo e ilustre vimaranense, visitaram o Castelo de Guimarães e os Paços dos Duques de Bragança; visitaram igualmente o Arquivo Municipal de Guimarães, da fundação do eminente escritor Sr. Dr. Alfredo Pimenta; e distrairam a sua atenção, ainda, pelo largo do Toural, rua de Santa Maria, largo de Santa Clara, largo de Martins Sarmento, e as igrejas de S. Francisco, S. Domingos, Dominicas, Misericórdia e S. Dâmaso.

Os nossos cultos visitantes examinaram ainda as Muralhas da cidade e, depois, no regresso por Braga, as notabilíssimas estações arqueológicas do Sabroso e da Citânia de Briteiros.

Presidente da Câmara

Foram muitas as pessoas que no passado dia 2 do corrente felicitaram o Sr. João Rodrigues Martins da Costa (Aldão) pela passagem do seu 1.º aniversário na presidência da Câmara Municipal, onde muito se tem esforçado pelas prosperidades da sua e nossa terra.

Os representantes das Juntas de freguesia da cidade também estiveram naquele dia no Município a apresentar cumprimentos ao Sr. Presidente.

Neste início de novo ano de exercício, renovamos os nossos votos para que o Sr. Presidente da Câmara continue a trabalhar por Guimarães com o interesse demonstrado e encontre as maiores facilidades no desempenho da sua árdua missão.

Parada Legionária

Devendo realizar-se em Lisboa, no próximo dia 28, uma parada legionária, em que tomam parte 6.000 legionários, composta por 10 batalhões, entre os quais entram elementos do Batalhão 13 desta Cidade, sabemos ter sido convidado para comandar um dos Batalhões em parada o nosso prezado amigo Sr. José Mendes Ribeiro Júnior, muito digno Comandante do Batalhão 13, aqui aquartelado.

ESPECTÁCULO BENEFICENTE

Em benefício dos cofres da Associação Artística Vimaranense e destinado à Assistência Social, realizou-se na sede da velha associação mutualista um Sarau promovido pelo conhecido «Ritmo-Louco», que teve assistência numerosa.

O programa apresentado agradou, tendo-se destacado as interpretações do Grupo «Ritmo-Louco»; de José Soares, à guitarra, e de Manuel Guimarães, à viola.

O estudante Sr. Jaime Xavier de Carvalho fez-se aplaudir em algumas interessantes sortes de prestidigitação que apresentou.

Fixe esta palavra: ***Ideal***
e... aguarde!

Uma poetisa portuguesa

Ludovina Frias de Matos, desconhecida no Brasil, onde, das poetisas portuguesas, quase só se fala em Virgínia Vitorino, é para mim, na elevação dos pensamentos e na forma como cinzela os versos, uma das primeiras de Portugal. Acontece ser simultâneamente uma grande amiga e admiradora da nossa pátria.

A sua poesia é Beleza é Sonho que se evola do passado e se eterniza nos anseios duma libertação pela esperança, uma fuga deste «vale de lágrimas» pela Fé de um mundo melhor. Tem sido uma ascensão gloriosa o seu calvário.

E' no sofrimento que as almas se engrandecem e os artistas se elevam e glorificam. Não é nunca o lodo da existência que nobilita e enaltece as almas. Outrossim, olhando os encantos, o mecanismo e todas as criações do Universo, é que adivinhamos e pressentimos o Belo supremo—Deus! A dor purifica e redime os seres humanos. E' fonte de luz anímica como os mistérios e as revelações da natureza!

Esta poetisa, que cedo ficou viúva, muito tem sofrido, amortalhada numa saudade constante. Num formoso soneto, em que canta a sua amargura, ela termina assim:

«Quem acaba repousa desta lida,
e contudo eu morri, deixei a vida,
sem encontrar na morte esquecimento».

Sacerdotiza do ideal, porém, sentindo, como todos os poetas, as suas e as dores alheias, multiplica a sua angústia, num requinte de delicada sensibilidade, debruçada sobre o seu íntimo, chorando e repercutindo os sofrimentos do mundo. Contudo, existe sempre nos seus versos, uma aura divina, erguendo os seus anseios aos páramos da ilusão, nos quais existe a calma resignação dos ungidos pela graça do Senhor, convertidos em eleitos que sabem sofrer e transformar as suas agruras em canto suavíssimo ou em gotas cristalinas de ternura a mitigarem a sede dos que sofrem.

...Como seria doce folhear os seus livros, transcrevendo as suas páginas, prendendo o leitor com o efluvio que delas se emana, embalando-o com a ressonância das harmonias dos seus versos.

«Para além da morte», sonetos; *«Palavras de amor»*, poemas; *«Sombras e clarões»*, sonetos. A espiritualidade, a espontaneidade das rimas, o ritmo, e a melodia, a estrutura formal das suas composições, há muito a consagraram em Portugal. Além daquela obra poética, tem publicado contos, romances e peças teatrais. Sempre, no entanto, na prosadora e na dramaturga, se sente naturalmente, vincadamente, a poetisa, na chama luminosa do seu grandioso talento.

E' certo, como dizem os franceses:

«Même quand l'oiseau marche,
On sent qu'il a des ailes».

Na verdade, as aves, mesmo quando caminham pelo chão, os seus passos majestáticos nos fazem sentir que elas voam, prontas a um rápido bater de asas.

Ludovina Frias de Matos, que colabora como cronista, em diversos jornais, revela-se, na prosa mais simples e despretenciosa, a cintilante poetisa, nos fulgurantes primores com que o destino a fadou.

(Do «Correio da Manhã» do Rio de Janeiro, de 7-2-1950).

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

No meu Cantinho

Quarta-feira, dia 3.
E' teimosa a minha pena.
Não me deixa a preguiçar.

* * *

Há muitos anos que eu aprendi que *substracto* é bicho que não existe. *Substrato* é a única escrita verdadeira.

Gostei de a ver confirmada no Vocabulário Resumido e no Torrinha. E tive muita pena que o meu querido Moreno a registasse com o *c* e até com um latim que o Grande Mestre sonhou.

* * *

Esta coisa de grafia dá a cada passo surpresas.

O Gualberto bem no sabe.

G.

INTERLIN
GRIBOUILAGE
XX... SIÈCLE
TRIOMPHE /
Os quatro extractos preferidos pela mulher elegante. 250
CASA LARANGEIRO
TOURAL GUIMARÃES

AGUAS PASSADAS...

UMA TERTÚLIA

A's tantas da noite, em sucessivas noites, os *iniciados* da tertúlia iam chegando.

— Para conspirar?...

Eramos novos. Tinhamos na mente *qualquer coisa*. Um enxame de ideias. Precisavamos de as comunicar uns aos outros; sentir o prazer da dialectica; a sensação do aplauso ou da contradita. Razão por que nos reuníamos às noites.

De todos os discursantes, o mais vigoroso era o S. R. O M. C. era menos vivaz. O A. C. também tinha a trave cortada. De minha banda, como elemento da *orquestra* do paleio, — e porque era em casa do meu Pai que estas sessões quase sempre tinham lugar —, igualmente arengava. Era em defesa da minha Dama — a República.

Estava no poder, João Franco.

Ao termo duma arrancada tribunícia, vinha a controvércia. S. R., crescendo nos calcanhares, erguendo a voz, esboçando gestos, caía a fundo da minha dissertação verborraica. Não que ele fosse um inimigo da Ideia Nova. Sem espírito liberal, aceitava, queria uma Monarquia... de barrete frígio. João Franco, era o seu Homem. Caçava no mesmo terreno dos republicanos. Deixassem-no governar. Esperássemos! Esperássemos!

Por vezes rebentavam os àpartes.

— *Não admito àpartes! Gritava o S. R.*

Mas, quando eram os outros a contrapor, o S. R., nervosadamente, logo interrompia. De onde resultou, por vezes, um arraial de vozes. Foi num destes agitados lances que um curioso, passando na rua, espreitando à fecheadura, esteve gozando os discursadores desta tertúlia. E explorando o caso, fez constado que a Autoridade nos iria encomodar.

Como remate destas assembleias de meia dúzia de moços, para pacificar os nervos e alegrar o coração, vinha a pichorra de barro grosso, com o prosaico vinho verde — à qual o S. R. fazia uma entusiástica recepção. E nós todos, sem divergências, sem contraditas, num pleno acordo, emborcávamos o líquido da pichorra adorada, molhando a guela.

Calmamente, dissemos um dia: Se nesta cega-rega discurseira nada de novo adiantamos; se os nossos argumentos parecem não criar prosélitos; se cada um fica no mesmo ponto de partida e não consegue levar para o seu lado o contrário, — por que não havemos de mudar o disco político?

Foi então que A. C., intelegente oficial de ourives, começou por trazer uma noite para a tribuna da tertúlia um tema original: a arte dos metais superiores.

Seria isto... conspirar?

Quinta das Aves
Delães

A. L. de Carvalho.

Carta a Geresino

Meu Amigo:

Permito-me chamar-lhe amigo pela maneira como me tem tratado. Se o título o desonra, risque-o e ponha em sua substituição aquele que achar mais próprio. Eu ficarei a considerá-lo da mesma maneira e continuarei, de qualquer das formas, a ficar-lhe devedor de muitas e penhorantes deferências.

Quantas vezes se tem referido aos meus mal alinhavados escritos, rabiscados sempre ao sabor da pena, quantas e quantas vezes sobre uma mesa de café, talqualmente o estou a fazer agora, sem tempo para os burilar ou mesmo para os depurar dos seus defeitos? Quantas?!

Olhe que eu não sei. Sei que têm sido muitas. Apesar disso, apesar de terem sido muitas as vezes e apesar de lhe estar muito agradecido, nunca lho disse, nem lho manifestei. Nem era preciso. A melhor gratidão é a que está na alma. A outra, a das palavras sonoras e repolhudas, ninguém sabe quando é gratidão, quando é lisonja, quando é imposturice.

O meu amigo nunca se melindrou também por eu não lhe agradecer as suas boas palavras. Se se tivesse melindrado, se os elogios que me tem feito fossem feitos para eu lhe agradecer, nunca mais se teria referido aos meus artiguelhos, desde que verificou o meu silêncio. E este silêncio vem de há anos. Mas não! Da sua parte, nem sequer espera que, depois do louvor, o correio lhe leve uma carta com o meu «muito obrigado». E como há-de ele levar tão comesinho agradecimento? Conheço-o apenas pelo pseudónimo. Nem a direcção sei. Conheço-o apenas pelo pseudónimo. Nem a direcção sei. Conheço, porém, através de pequenos sueltos, o seu espírito desempoeirado, culto e recto. Conheço-o e admiro-o. Mais nada. E' quanto basta. Será?! Diz o Vieira que é tão natural o respoder que até os penhascos duros respondem aos ecos. Ora eu tenho sido pior que os tais penhascos. E toda a gente gosta de saber, pelo menos, que não há ingratidão. Pois se eu nunca lhe agradeci, quero também frisar que nunca fui ingrato.

Isto quanto a nós. Quanto aos outros, aqueles que lêem e que falam sobre o que lêem, é conveniente acrescentar mais isto: Geresino não me conhece, nunca me viu mais gordo, nem sequer conhece a minha letra. Da minha pessoa não sabe nada. Conhece apenas o que tenho escrito, e pouco é, porque só conhece o que escrevo neste jornal.

Os outros precisam de saber isto. Precisam mais por si do que por mim. Precisam, porque há sempre quem malsine os factos e quem faça invenções sem reclamar direitos de autor. Era capaz de haver aí alguém que admitisse estar Geresino a «fazer o frete» de dar «amen» às minhas opiniões, romanceando o caso com supostas amizades, favoritismos, ou pior ainda. Isto menoscabaria a pureza da sua pena, pureza, e também independência, e também rectidão, que tenho admirado desde sempre.

Sabe? Eu não sou bruxo. Contava, porém, que me desse a sua opinião sobre o último artigo que escrevi. E aguardava essa opinião com o mais vivo interesse.

Quando procurei rebater, há dois anos, pela primeira vez, o sr. Dr. Serra e Silva, teve o meu amigo a amabilidade de me dar o seu prestimoso apoio. Desta vez, também mo deu. Ainda bem. E' um prazer saber que outros pensam mais ou menos como nós.

Aguardei em vão que o sr. Dr. Serra e Silva viesse para a liça, depois de saber que alguém se atreveu por escrito a não estar de acordo com as suas catedráticas opiniões. Aguardei e aguardo ainda que, não tendo respondido ao primeiro, responda pelo menos a este último rebate. Tive o cuidado de lhe mandar os jornais. Nem assim. Sua Excelência calou-se agora, como se tinha calado há dois anos. A estas horas andará (quem sabe!) a consultar mais dois professores de latim e a procurar, em todos os alfarrábios nacionais e estrangeiros, escritor ou orador que tenha alfinetado o valor do latim. Se assim for, espero que daqui a dois ou três anos tenhamos o desprazer de ler o sr. Dr. Serras e Silva sobre a língua de Ovídio, não com o espírito da «ars amandi», mas com o espírito da «ars odiandi».

Para terminar, aqui estendo a minha mão à sua palmatória. Efectivamente, o «quid prodest homini» é de S. Mateus. Sabia-o. Então a que se deve o baralho? A' precipitação com que tenho de escrever, à inadvertência, à impropriedade de expressão, ao que quiser.

Eu queria referir-me à pergunta que Santo Agostinho fazia a si próprio. A pergunta não era dele, mas tanto se entranhara no seu espírito que a fazia como sua, descrente das grandezas do mundo. De qualquer forma, a sua correcção foi oportuna.

Quanto ao *«senão* temos de regatear todos os poucochinhos», devo dizer que foi como advérbio que escrevi a palavra. O sentido é de exclusão e não de proposição condicional negativa. Evidentemente, se fosse o contrário, não era para estranhar uma gralha. Nestas coisas, sou um infeliz. Já por diversas vezes pedi ao nosso comum amigo Antonino o grande favor de livrar os srs. tipógrafos da maçada de me alterarem fosse o que fosse. Apesar disso, de vez em quando, lá vem uma ensinadela desses tais senhores. Eu não lhes quero mal por isso. A intenção é boa. Os frutos é que são maus. Portanto, conformo-me com a intenção, já que não me posso conformar com outra coisa.

Um exemplo: Eu escrevo idea sem *i* intervocálico, quando é substantivo, e escrevo ideia com *i* intervocálico a formar ditongo, quando é verbo. Não sou só eu. Moreno também escreve assim. Apesar disso, a boa pessoa do sr. tipógrafo põe sempre o *i*, quer se trate de substantivo, quer de verbo, sem respeito pela minha convicta ignorância. Ainda no último artigo sucedeu isso. E vá lá, vá lá! Do mal o menos. Aparece nesse artigo a palavra idea, numa das transcrições do artigo do sr. Dr. Serras e Silva. Dessa vez, escrevi ideia com *i*, porque se tratava de transcrição e era com *i*, que vinha no «fundo» de «O Comércio do Porto».

Longuíssima que vai esta carta! Desabafo e agradecimento extenuantes, não acha?

No seu «cantinho», ponha lá mais um suelto: «Não li, por ser muito grande. Tenho mais em que pensar!» Concordo. Agora, são as duas mãos que lhe dou. A sinceridade «super omnia», à laia de almanaques. Venha a chuva.

Seu admirador

Ferreira Torres.

Porto, 30-4-1950.

FUTEBOL

VITÓRIA-3
ESTORIL-1

Razão tinham todos quantos confiaram em que o Vitória, pelo seu próprio mérito, por si só, sem «influências estranhas» se manteria na I Divisão do Nacional, onde há anos ascendeu por direito de conquista e onde muito tem honrado Guimarães e dignificado o Desporto.

Entre esses estávamos nós também, pois nunca pudemos aceitar ideia em contrário.

E isto porque sinceramente reconhecíamos, pelo que nos foi dado apreciar durante a extensa e dura jornada que hoje tem seu termo, que o nosso representante possuía valor para não merecer tal dissabor, e que na altura própria ele saberia reagir de molde a afastar, a esconjurar o perigo que teimosamente o ameaçava.

Sucedeu assim felizmente, e por que tal se verificou todos nos devemos regozijar, tanto mais que o Vitória soube, numa exibição cheia de brilhantismo e repleta de querer, dominar adversário valoroso, em verdade digno como ele de se manter entre os maiores do futebol português, e que com tal objectivo enfrentou este jogo com grande decisão, lançando na balança todas as suas possibilidades.

A partida constituiu, por isso, espectáculo memorável, magnífico sob todos os pontos de vista. Os vinte e dois homens souberam bater-se sem desfalecimentos, mas lealmente, pelo triunfo da sua bandeira.

Coube, merecidamente, essa honra aos vimaranenses, mas os estorilistas ganharam direito a admiração pela maneira como lutaram pelo almejado triunfo. E essa admiração mais avultou quando, vencidos, souberam aceitar sem azedume, com desportivismo, o desfecho natural da partida.

O Vitória, repetimo-lo, mostrou-se bem digno das suas tradições, cotando-se com mais uma exibição que honraria qualquer colosso... Foi insuperável em vontade e patenteou excelentes recursos de ordem técnica e de preparação física.

Fez, sem dúvida, exibição digna de figurar entre as mais emotivas e vibrantes que nos tem proporcionado. Dada a responsabilidade do encontro, pode afirmar-se que bem cumpriu em tudo. Os seus homens foram todos iguais em vontade, pelo que em geral se tornam dignos de louvor.

Neste encontro decisivo, exalte-se o comportamento do público pelo apoio dado aos jogadores, e assinale-se com aprazimento a presença de muitos desportistas de Braga e de outras terras do Distrito, que num gesto de louvável compreensão desportiva quiseram vir testemunhar ao Vitória simpatia e admiração com a sua presença e o calor dos seus incitamentos.

Obrigado a todos.

Os Grupos formaram:

Vitória — Silva; Ferreira e Costa; Magalhães, Cerqueira e Rebelo; Franklin, Miguel, Teixeira da Silva, Brioso e Custódio.

Estoril — Sebastião; Gato e Alberto; Cassiano, Eloi e Fragateiro; Gonzaga, Ernâni, Nunes, Vieira e Fandiño.

Os locais iniciaram o encontro com grande velocidade, obrigando, nas primeiras jogadas, o guarda-redes visitante a empregar-se a fundo.

Aos 10 minutos o Estoril, contra a corrente do jogo, obteve o 1.º «goal» do encontro, por intermédio de Nunes, aproveitando um passe de Vieira.

A reacção dos locais não se fez esperar e Miguel, aos 15 minutos, estabeleceu o empate, em recarga a um potente remate de Custódio que a trave defendera.

Aos 41 minutos os locais desempataram por intermédio de Teixeira da Silva, após período de equilíbrio.

Na segunda parte os vimaranenses comandaram mais acentuadamente o jogo, tendo Franklin elevado o resultado para 3-1 aos 20 minutos.

Arbitrou o juiz portuense Sr. Correia da Costa.

Gualberto.

Melhoramentos citadinos

O Jardim do Campo da Feira, que durante anos ofereceu aspecto desolador, apresenta-se-nos agora sob forma bem diferente, tendo passado por uma grande transformação que muito o melhorou em todos os sentidos.

E' com satisfação que registamos o acontecimento, comprovador das boas intenções que animam o Sr. Pesidente da Câmara em atender todos os problemas.

IDEAL
IDEAL
IDEAL

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

Meu caro amigo

Vi que ficaste surpreendido com o que te disse acerca da falta de progresso desta terra e, com certeza, surpreendido ficarás também ao dizer-te que um dos motivos a contribuir para isso tem sido o da falta de união dos Vimaranenses para efeitos de se conseguir o que por direito e por justiça compete a Guimarães. Ao contrário do que se passa em outras localidades onde os respectivos habitantes põem de parte os seus ideais políticos e apenas procuram bem servir a política da sua terra, aqui não existe essa boa compreensão de apaixonado bairrismo e de bom entendimento, não obstante estar demonstrado que a união de todos os bons Vimaranenses se torna necessária para se acabar, de uma vez para sempre, com dissidências que em nada beneficiam a vida progressiva do concelho. E' de lamentar que assim aconteça, mas, infelizmente, é esta a expressão da verdade e, como contra factos não há argumentos, temos de concluir que qualquer intransigência nesse sentido — parta ela de onde partir — só prejudica os interesses locais e, portanto, não se torna proveitosa para ninguém. Todavia, meu amigo, não há rosas sem espinhos e, no presente caso, eu quero dizer com isto que se há Vimaranenses que não olham a ideais políticas ou a credos religiosos desde que se trata do engrandecimento da sua terra, outros há que não pensam dessa forma, razão por que a desejada união de que te falo nunca poderá ser um facto consumado. E' pena, não achas? Actualmente encontra-se em curso a solução de um problema importante, para o que muito tem contribuído o dinamismo e a persistência do actual Presidente da Câmara Municipal, a quem — diga-se de passagem, deve ser feita a justiça de ter procurado dar certo impulso à vida e ao progresso desta terra. Trata-se do abastecimento de água à cidade, problema este que, de facto, não admitia mais delongas pela natureza da sue importância. E por hoje nada mais te direi, a não ser que poderás contar sempre comigo para tudo quanto te possa ser prestável. Orgulho-me de pertencer ao número daqueles que são capazes de se sacrificarem pelos

ATÉ QUE ENFIM!

Sob a epígrafe acima, inseriu o último número do nosso Jornal uma local referente à água privativa das Escolas Centrais desta cidade e da qual beneficia igualmente o quintal anexo às referidas Escolas, cujo rendimento, como já dissemos, é destinado a auxiliar a manutenção da Cantina Escolar daquele estabelecimento de ensino. Sucede, porém, que, ao contrário do que acontecia em outros tempos, essa água é hoje em quantidade muito inferior, razão por que se trata de um caso que deverá merecer a atenção da Câmara Municipal, tanto mais que se trata de bens pertencentes ao Estado. Impor-se-á, por isso, a necessidade de se proceder a uma rigorosa vistoria à distribuição dessa água e assim se averiguar se há ou não motivo para serem tomadas as devidas providências. Dizem-nos que uma antiga servente das citadas Escolas, Joaquina de Lemos, alguma coisa poderá esclarecer a tal respeito. Atendendo ao fim a que se destina a água em referência, quer para o saneamento e limpeza do edifício escolar, quer também para a irregação do respectivo quintal, este assunto pertence ao número daqueles que requerem as providências de que falamos, no sentido de se acabar com certas suspeitas, que poderão ser verdadeiras. Em qualquer dos casos, torna-se necessário conhecer a verdade. Por nossa parte, julgamos ter cumprido o nosso dever, uma vez que tivemos conhecimento desta ocorrência.

N. R. — Acerca do assunto tratado nesta local, sabemos que em sua sessão de 5 do corrente a Câmara Municipal deliberou constituír uma comissão composta pelos Srs. Presidente da Câmara, Mário de Sousa Meneses e Engenheiro da Câmara Municipal, para proceder ao inquérito sobre a causa da redução de água que é privativa das Escolas.

ÁS FÁBRICAS

(Distrito do Porto e Braga)

Agente Comercial, residindo perto de Coimbra, relacionado desde há 18 anos com a clientela Armazenista dos artigos de Malhas, Miudezas e Fazendas Brancas existentes nas áreas dos distritos de: Aveiro, Beja, Castelo Branco, Coimbra, Evora, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Setúbal e Viseu, aceita representação exclusiva para aquela zona.

Informa por favor **António Vaz da Costa & Filhos, Ltd.ª**, — Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES. 144

Para comprar os seus sapatos, recomendo-lhe a

Sapataria Luso

que sempre primou em **Bem Servir**.

CASA = ALUGA-SE

Nas imediações da cidade, com garage, água e luz e com estrada até à porta.

Falar na CASA LARANJEIRO, ao Toural. 269

desejos ou pela vontade de pessoas amigas, embora, por vezes, seja mal compreendido. Mas seja como for, serei sempre o que tenho sido até hoje e tu já me deves conhecer como tal. Por isso, não te digo nada de novo a este respeito.

Abraça-te o teu amigo certo

Guimarães, 3 / V / 1950.

ALDRABÃO.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 9, a sr.ª D. Maria do Espírito Santo Fernandes e o menino Vítor Manuel, filho de nosso estimado conterrâneo e amigo sr. João Pereira de Freitas Pires, residente em Lisboa; no dia 10, o nosso querido amigo e ilustre Oficial da Armada sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão e os também nossos amigos srs.: Manuel José Mendes da Costa Guimarães e Matias Faria da Silva, das Taipas; no dia 11, o menino José Torcato, filho do nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. Dr. Américo Durão e os nossos prezados amigos srs.: Amadeu da Costa Carvalho e Luís Gonzaga Pereira e a sr.ª D. Adelaide de Oliveira Freitas; no dia 12, a menina Aurélia Gonçalves de Freitas e os nossos prezados amigos srs.: Joviano Ramos Camião e Alberto da Cunha e Castro; no dia 14, o nosso amigo sr. Manuel Pereira de Freitas Cosme.

Notícias de Guimarães *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Completou 3 risonhas primaveras no passado dia 4, a menina Ana da da Costa Baptista, filha do sr. Albino da Costa Ribeiro.

Partidas e chegadas

Partem por estes dias para Roma, tomando parte na grande Peregrinação Nacional que é presidida pelo Senhor Carderl Patriarca de Lisboa, os nossos prezados amigos srs.: Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha, com sua Esposa e Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, abalizado clínico em Aveiro.

— Esteve nesta cidade, onde passou uns dias como hóspede do nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro Pinto, a senhora D. Maria Augusta de Carvalho, de Meda.

— Deu-nos a honra da sua visita o ilustrado pároco de S. Pedro da Raimonda e nosso querido amigo Rev. Dr. Francisco de Melo.

Doentes

Tem estado no Porto, em tratamento, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Dr. Eduardo de Almeida, por cujas melhoras fazemos os melhores votos.

Bodas de Prata

No dia 26 de Abril festejaram as suas Bodas de Prata de casamento o nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro e a sr.ª D. Clara Alves Machado Pinheiro. Sua numerosa prole elevou nesse dia as suas preces a Deus, implorando graças e bênçãos para o modesto lar.

Apresentamos àquele casal as nossas felicitações.

Baptizado

No pretérito domingo e na paroquial de S. Torcato, baptizou-se, solenemente, o primogénito do nosso bom amigo sr. António Alberto Pimenta Machado e de sua esposa a sr.ª D. Maria Eugénia Guimarães Coimbra Pimenta Machado, que recebeu o nome de António Alberto.

Foram padrinhos a avó paterna a sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta e o avô materno o sr. Dr. António Coimbra, assistindo ao acto pessoas de família do neófito.

Foi celebrante o Rev. P.e Henrique Pereira.

IDEAL

IDEAL

IDEAL

Diversas Notícias

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Viação acidentada

Quando o automóvel A D 30-86 conduzido pelo seu proprietário João Pereira, viajante, de 43 anos, de Lisboa, circulava na estrada nacional de Guimarães a S. Torcato, e no lugar da Ponte, freguesia de S. Lourenço de Selho, ao desviar-se de uma ave foi embater contra o muro, colhendo então uma criança de nome Maria Josefa da Silva, de 16 anos, filha de José da Silva, da mesma freguesia que sofreu diversos ferimentos.

Feira anual de gado bovino

A Associação de Classe dos Agricultores e Lavradores do concelho de Guimarães, realizou domingo, na Av. dos Combatentes da G. Guerra, desta cidade, a costumada feira anual de gado bovino, que esteve concorrida sendo a seguinte a classificação do gado concorrente:

Vacas isoladas — 1.º prémio, Manuel Ferreira das Neves, de Bairro, Fermentões; 2.º prémio, Manuel da Silva Igrejas, de Urgezes.

Vacas leiteiras taurinas — 1.º prémio, Domingos Fernandes, de Creixomil; 2.º prémio, José Fernandes, de Creixomil.

Vacas de criação e trabalho (juntas de 3 a 8 anos) — 1.º prémio, António Alves Miranda, de Urgezes; 2.º prémio, António Ribeiro Pinheiro, de Creixomil.

Bois de trabalho — 1.º prémio, Joaquim Alves, de Pinheiro; 2.º prémio, Gaspar Fernandes, de Creixomil.

Atropelamento

Quando Manuel de Oliveira, pedreiro, casado, de 30 acos, da freguesia de Santa Cristina de Arões, de Fafe, se dirigia de sua casa para esta cidade, montado numa bicicleta, ao chegar ao lugar de Margaride, nas proximidades desta cidade, foi de encontro a Domingos Alves, casado, de 40 anos, operário fabil da freguesia de S. Mamede de Aldão, deste concelho, que sofreu contusões múltiplas pelo corpo e comoção celebral, pelo que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia, onde ficou internado.

O ciclista sofreu vários ferimentos nas mãos e no rosto.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Eleutério Augusto da Silva Ferreira

Passando-se àmanhã, dia 8, o primeiro aniversário do falecimento deste inditoso mancebo, que na esperançosa idade de 18 anos foi por Deus chamado à sua divina presença, seus pais, o Sr. Manuel da Silva Ferreira e sua esposa a sr.ª D. Maria da Silva Ferreira, mandam celebrar na Igreja de N. S.ª da Oliveira, pelas 8 horas, a Santa Missa pelo eterno descanso da alma deste seu querido filho, convidando por este meio todas as pessoas das suas relações e amizade a tomarem parte, pelo que agradecem reconhecidos.

D. Francisca Rosa Rodrigues

Em Cerzedelo faleceu a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, irmã do saudoso Reitor Francisco Manuel Barbosa, que foi pároco longos anos da mesma freguesia.

Muito estimada e grande amiga dos pobrezinhos, a saudosa extinta era tia dos Rev.os Padre Manuel Vilela Barbosa, pároco em St.ª Maria de Galegos — Barcelos, e Padre Manuel Braga Barbosa, que foi capelão do Asilo de Santa Estefânea, desta cidade.

O seu funeral realizou-se na passada sexta-feira, na igreja de Cerzedelo.

As nossas condolências à família.

José de Sousa Guise

No penúltimo sábado, dia 29 e no templo de N. S.ª da Oliveira, foi rezada a missa do 7.º dia por alma deste nosso saudoso conterrâneo, tendo sido o acto bastante concorrido por pessoas das relações da estimada família dorida.

Vem a propósito dizer-se que o extinto era cunhado da sr.ª D. Isabel Maria Guise, esposa do nosso bom amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise. visto que aquele nome foi omitido, por um lamentável lapso, na notícia do falecimento.

Vida Católica

A Irmandade de N.ª S.ª do Terço, erecta na antiga Igreja de S. Domingos, manda celebrar no próximo dia 14, pelas 8 horas, a missa estatutária em honra da sua Padroeira, na Igreja da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio.

IMPORTANTE

Rectifica-se que é de 3$60 o preço da venda ao público do feijão colonial que, por erro tipográfico e nos números deste jornal de 16 e 23 de Abril, no anúncio da Casa Alberto Pimenta Machado & Filhos, saiu como 5$60.

João Mota Prego de Faria

2, Rua de Paio Galvão, 2

(Esquina Poente — Toural)

TELEFONE, 40242

GUIMARÃES

Radiologia Geral — Tomografia

Exames ao domicílio.

Venerável O. T. de S. Domingos

CONVITE

No próximo domingo, 14 do corrente, pelas 11 horas, vão ser inaugurados os retratos do Ex.mo Sr. Dr. Roberto de Carvalho e das Ex.mas Sr.as D. Maria da Conceição Pacheco Ferrão do Amaral Noronha Barbosa e D. Elisa do Sacramento Morais Lima, ilustres benfeitores desta Instituição de Caridade.

A's 10,30 horas será celebrada uma missa na Capela desta Ordem em sufrágio de suas almas. A Mesa desta Venerável Ordem Terceira de S. Domingos convida todos os Irmãos a assistir a esta singela mas justa homenagem.

Guimarães e Secretaria da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, 6 de Maio de 1950.

O Vice-Prior,

P.e Augusto José Borges de Sá.

253

Quere V. Ex.ª calçar com conforto e elegância?

Compre na **Sapataria Oliva**

48, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 52. 201

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e 21,30 horas

APRESENTA

TIRONE POWER--GENE TUERNEY

— em —

ESCANDALO NA PRIMEIRA PÁGINA

A Vida impossível de uma rica herdeira em que o amor triunfa do escândalo que as aventuras provocaram!

Terça-feira, 9 — às 21,30 horas

A nova estrela sueca *Viveca Lindfors*

— em —

A Mulher do Pecado

A história duma pecadora que se redimiu por amor!

Neste programa: JORNAL UNIVERSAL.

Quinta-feira, 11 — às 21,30 horas

Uma maravilha de interpretação ANA MAGNANI em

SONHANDO PELO CAMINHO

Neste programa: JORNAL FOX.

Notícias de Guimarães n.º 953-7-5-1950

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

Arrematação

No dia 20 do corrente mês de Maio, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e por virtude do ordenado nos autos de jurisdição voluntária para venda de bens do interdito Francisco Lage Jordão, casado, proprietário, desta cidade de Guimarães, a requerimento do seu curador António Faria Martins, casado, proprietário, de Pevidém, freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública do imóvel abaixo mencionado, o qual será entregue a quem maior lanço oferecer sobre o valor por que entra na praça.

IMÓVEL A ARREMATAR

Uma morada de casas de dois andares, com terreno anexo que mede 90 metros quadrados de área, no lugar do Minhoto, desta cidade, inscrita na matriz predial urbana da freguesia de Urgeses, deste concelho, sob o art.º 494 e faz parte dos prédios descritos na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob os n.os 31.941 e 31.942, — que vai à praça pelo valor de SESSENTA MIL ESCUDOS, 60.000$.

A sisa, que será paga por inteiro, e mais despesas da praça, ficam a cargo do arrematante.

Guimarães, 5 de Maio de 1950.

O Chefe da 2.ª Secção,

Reinaldo Neto de Sousa.

Verifiquei.

O Juíz de Direito,

Lobo e Silva.

«Faça-nos um vermelho para os lábios que não desbote...»

Este é o problema que nos apresentou a mulher elegante!...

Vários anos de investigações e ensaios permitiram a PAUL BAUDECROUX, de Paris, encontrar a solução satisfatória criando o

Rouge Baiser

Permitindo beijar, fumar e beber, sem deixar vestígios...

Rouge Baiser encontra-se V. Ex.ª n' **"A Imperial"** — Guimarães. 234

Ei-lo que surge o maravilhoso produto preferido pela senhora moderna.....

Rouge Baiser não é uma vulgar *invenção; mas sim a formusura dedicada aos lábios da mulher elegante.* 249

Para o conseguir não vá mais longe, dois passos basta:

Casa Larangeiro

Toural -- Guimarães

ATENÇÃO

Passa-se este lindo estabelecimento:

"BOLINHA DA SORTE"

R. de Santo António, 111.

Falar com o sr. João Fernandes "Maneta".

APANHA DE MALHAS EM MEIAS, PONTO DE CRUZ, etc. E SERVIÇOS DACTILOGRÁFICOS

Perfeição - Rapidez - Economia

Largo da Oliveira, 17

Telefone, 40237

Distinção em modelos de calçado, só na

Sapataria Luso

Rua Santo António — Guimarães.

= IDEAL

IDEAL =

A *Macieira* significa *Amor*. O dizer-se em comum que a maçã significa discórdia não se harmoniza com o que de tal pomo dizem divinas e humanas letras. E' possível que atribuir-se discórdia à maçã fosse por causa da infernal tentação de Eva — mas se alguns autores dizem ter sido a maçã o pomo da tentação, muitos outros, como *Origenes*, *Gennadio* e *Theodoreto* dizem ter sido o figo. «E' a macieira geroglífico do amor por que dá esta planta de si o mais belo, formoso, e delicado pomo de todos os pomos e frutos da terra, o mais alegre e agradável à vista, de melhor e suave cheiro, mais doce e deleitável sabor, e porque tem a cor entre pálida e rubicunda, entre branca e encarnada, no que significa particulares efeitos do amor, que é pálido pelos receios e temores de que se acompanha, é corado e purpúreo pelo pejo e vergonha de que se veste, é doce e suave porque das maiores penas e tormentos faz mais saborosos manjares, convertendo males em bens, penas em gostos.» *S. Bernardo* diz que faz o amor mel muito doce do fel amargoso. «A maçã quanto mais participa com os raios do sol, mais formosa tem sua cor. O amor quanto mais está à vista do bem, mais se inflama e veste de novo espírito e fervor.» Os sicónios representavam Venus com uma maçã na mão direita, em sinal de amor; muitas rainhas e imperatrizes andavam esculpidas com pomos entre as mãos; Páris deu a Venus a maçã, mostrando assim que ela a merecia pela formosura; as estátuas de Apolo faziam-se de macieira, por isso que representavam nele mais notáveis histórias de amor que em outro algum deus da gentilidade. Diz o provérbio *Malis ferire*: ferir com maçãs é o mesmo que ferir e magoar com amor.

EDUARDO D'ALMEIDA

Frei Isidoro de Barreyra

(Um clássico sumido e espoliado)

VIII

Consideram-se no amor cinco notáveis segredos: o primeiro efeito do amor é ferir o coração — Feriste-me, minha querida alma, feriste-me este meu coração, sinal certo de vos amar muito, pois coração ferido é fonte manancial, de que está sempre correndo amor! —; o segundo é que rouba este mesmo coração e o tira a quem ama — *Abstulisti cor meum* —; o terceiro efeito do amor é, se rouba o coração alheio, também faz entrega do seu, deixa um e toma outro, troca coração por coração; daqui nasce o quarto: confiança e fortaleza para cometer as maiores dificuldades do mundo; o quinto se chama «ectasis» — um pasmo e admiração que se tem da cousa amada. Não sòmente o amor é forte como a morte, mas muito mais forte que a mesma morte: esta, como a alma se afasta do corpo, não tem ali mais que fazer; mas o amor não se aparta da alma, ainda que a alma se aparte do corpo depois da morte, nela ainda permanece e vive — o amor sempre vive e acompanha a alma imortal.

Boa alma, sem dúvida, a de *Frei Isidoro*!

As flores da *Amendoeira* aparecem primeiro que as de mais, antecipando-se para melhor vingarem os frutos, aproveitando o primeiro sol do verão; é por isso que esta árvore apregoa fertilidade em mostrar flores na manhã da primavera e prognostica fartura de pão — quando virmos as amendoeiras carregadas de fruto, depois que lhe caiu a flor, é sinal de grande fertilidade e abundância de pão que esse ano haverá —; deu-se àquela árvore a figura de *Esperanças seguras*. Mas já a *Flor da amendoeira* significa *Velhice do homem*. Como e porquê? O próprio *Frei Isidoro* hesita na interpretação dos autores. Que a mocidade passa depressa, e a velhice vem a a correr. Bem certo é, ai de nós! Que a flor aparece ainda no universo e a velhice é inverno nas idades do homem. Inverno de adversidades e tormentos grandes. Dizia *Catão* que, não tivesse, embora, a velhice nenhum mal consigo, bastava-lhe ver os males que, por viver, cada dia vê, sentir o velho que se vai tornando aborrecido das gentes, molesto e pesado, e não já a viver, mas a morrer de vagar. (Mas que terá tudo isto, e o mais, com a linda flor da amendoeira?)

Em contraste, a *Figueira* é *doçura*. Distingue-se das outras árvores, que todas, antes de dar frutos, aparecem com flores, em, sem florir, apresentar os frutos. Os gentios dedicavam-na a Mercúrio e quando celebravam suas festas, costumavam oferecer-lhe mel e figos; e quando as árvores foram pedir à figueira que fosse a raínha de entre elas, escusou-se para não perder a doçura dos seus frutos. Lògicamente, os *Figos lampos*, que aparecem antes do tempo dos outros frutos, são — *Bens antecipados*, e os *Figos verdes*, que caiem no chão antes de amadurecerem, *Frutos sem proveito*.

(Continua).

Pequenas notas

Emília de Sousa Costa é uma ilustre senhora que me encanta com os seus escritos, sempre primorosos, oportunos e essencialmente humanos. O seu último artigo, que o «Jornal de N.» periòdicamente publicou, era sobre a utilidade da árvore, principalmente de fruto que várias Câmaras estão a mandar plantar nos limites da sua jurisdição. O artigo de D. Emília é grande, mas quase logo no princípio diz: «Louvei ao Senhor, porque me animou a esperança de que se principie a compreender como imprime cor, beleza e harmonia, a qualquer retalho citadino, a árvore de fruto, criadora da riqueza, mesa posta pelo Criador ao alcance das mãos pequeninas...»

Que linda, doce e suave maneira de dizer tem esta ilustre escritora!

Sim, plantemos árvores de fruto, «mesa posta pelo Criador ao alcance das mãos pequeninas».

Se a nossa Edilidade desse o seu aplauso à iniciativa em curso noutras terras, tornar-se-ia crèdora da estima dos vimaranenses que não seriam acoimados de serem os últimos a seguir o exemplo de plantar árvores de fruto, que nos parece contribuiria para educar as massas populares a servirem-se dos bens que a terra de todos daria, sem roubar nem estragar.

* * *

A nossa terra tem sítios que precisavam de ser varridos e lavados mais de uma vez ao dia e o corredor da Misericórdia é um deles.

* * *

Já há luz no Castelo, motivo que nos leva a agradecer, se isso se fez pelo que dissemos.

Trocas.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Um amigo da Liga de Profilaxia interessado em campanhas de higiene enviou-lhe há pouco um recorte de imprensa contendo uma notícia da agência ANI, que diz textualmente o seguinte:

Os Serviços de Saude Ingleses iniciaram a campanha do «Lavar as mãos», visto ter-se provado que 85 % das doenças infecciosas são contraídas através do manuseamento de objectos contaminados. Verificou-se também que as notas do Banco e as moedas em circulação constituem verdadeiras culturas de micróbios e bacterias, podendo ser consideradas, directas pela maior parte dos casos de angina, amigdalites, abcessos, e até pneumonias.

O contágio é favorecido pelo costume, muito generalizado, de levar as mãos à boca, ou pelos gestos de fumadores e consumidores de gulodices.

Outra fonte de contágio quase tão perigosa como as notas e moedas é constituída pelos bocais dos aparelhos telefónicos, seguindo-se os varões dos auto-carros, comboios e escadas e os puxadores das portas.

Uma tal notícia, para as pessoas cultas, bem como para as pessoas asseadas, poderá ser motivo de riso, pela sua trivialidade; mas infelizmente o correspondente da Liga teve toda a razão em a recortar e chamar sobre ela a atenção, porque é vulgar encontrarem-se pessoas, mesmo com estudos, que, principalmente em hotéis e restaurantes, nunca as mãos lavam antes de se sentar-se à mesa, ou noutros casos em que a higiene tornou imperativo esse acto de elementar asseio.

Além disso, serve também a notícia da ANI, para chamar a atenção para a higiene daqueles que lidam com géneros alimentícios, quer trabalhem nas cozinhas e copas dos restaurantes, hotéis e casas congéneres, quer em talhos, mercearias e outros estabelecimentos similares. E ainda contém a notícia, acima reproduzida, material bastante para que a Liga de Profilaxia se rejubile com a sua própria actuação, pois que, quanto a bastantes dos pontos versados, tem ela desenvolvido porfiadas campanhas, as quais, apesar de tudo, urge serem intensificadas com desassombro e vigor.

NADA!

Continuado da 1.ª página

Há leis que proibem o plantio de eucaliptos a menos de 20 metros de terrenos cultivados *e a menos de 30 metros de nascentes de água*, terras de cultivo de regadio, muros e prédios urbanos e ordenam que sejam arrancados a requerimento dos interessados dirigido à Câmara, a qual mandará executar o arrancamento pelo seu pessoal. Podemos citar, como mais recentes, a lei n.º 1.951 de 9 de Março e os decretos n.ºs 28.039 e 28.040 de 14 de Setembro de 1937.

Já nos referimos aqui ao abuso dessas plantações e a quanto elas prejudicam a estética do monte, em detrimento, por exemplo, da plantação de carvalhos, árvores que muito bem se adaptam ao local, como em tempos passados se verificava na saudosa mata da Costa, reduzida, gananciosamente, a carvão, sem protesto dos vimaranenses que perderam a oportunidade de explorar e transformá-la num dos mais belos parques do país.

Ainda há vestígios do que ela era. Que formosíssimo conjunto ela formaria com a Penha, até onde se prolongava!

Que se faz, que se pensa, que se decide? Nada!

Pois bem, continuaremos.

N.

Na madrugada de quinta-feira um incêndio destruiu *dois prédios*

no Largo Martins Sarmento

A's 2 horas da madrugada de quinta-feira foram pedidos os socorros dos bombeiros para o Largo do Carmo, onde, num prédio pertencente ao industrial de ourivesaria Sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e habitado por cinco famílias num total de 29 pessoas, se declarara, na respectiva chaminé, um incêndio, que irrompeu com grande intensidade, e cujas chamas devoravam, totalmente, dentro em pouco, o edifício. Os inquilinos, gente modesta, abandonaram o prédio apressadamente, muitos deles em trajes menores, sendo recolhidos pela vizinhança.

Bem depressa o fogo, com fúria assustadora, se comunicou à casa pertencente à viúva do Sr. José Francisco Gonçalves Guimarães e habitado pelo nosso prezado amigo e distinto médico Sr. Dr. João Afonso de Almeida, principiando pelas águas furtadas, e estendendo-se, dentro em pouco, pelos restantes andares. Os haveres dos inquilinos do primeiro prédio foram destruidos, salvando-se, com dificuldade, a maior parte dos móveis da casa do Sr. Dr. João Afonso, que foram recolhidos no palacete de Margaride. Os esforços dos nossos voluntários, que foram secundados, com abnegação, pelos voluntários de Vizela e Taipas, não conheciam limites na luta contra o sinistro, assistindo-se a cenas de verdadeira abnegação e heroismo. A's 4 30 deu-se uma assustadora derrocada, que atingiu os bombeiros voluntários de Vizela, Adolfo Martins Pereira Caldas, que ficou intoxicado; João Pinto, com ferimentos pelo corpo e Inácio Vaz Pedrosa, que sofreu várias contusões. Na difícil situação em que se encontravam foram salvos pelos seus camaradas desta cidade. No prédio onde o incêndio teve origem, ficou bastante maltratado, nas costelas, o bombeiro Francisco Alves, dos voluntários de Guimarães.

Sofreram ainda ferimentos os voluntários n.º 3, Manuel Paula e n.º 31, Eduardo Magalhães Bastos, também desta cidade. Os sinistrados foram, acto contínuo, conduzidos ao Hospital da Misericórdia, onde compareceram e lhes prestaram socorros os médicos Srs. Drs. João de Almeida, Carlos Saraiva e Dr. João Afonso de Almeida.

Trabalharam na extinção do incêndio, cujo rescaldo se prolongou quase por todo o dia, agulhetas. Foi muito apreciado o serviço prestado pelas três corporações, tendo-se registado, durante o ataque ao sinistro, a excelente ajuda de alguns populares, que foram também de grande abnegação. Dos prédios contíguos ficaram bastante danificados os telhados. Dos sinistrados salvou-se apenas a fachada em pedra do habitado pelo Sr. Dr. João Afonso de Almeida. Os prejuizos estão cobertos pelo seguro. Os ferimentos recebidos pelos voluntários, não são, felizmente, de gravidade de maior. O serviço de policiamento mereceu louvores.

Alguns moradores do prédio onde teve início o incêndio ficaram na mais extrema miséria, tendo perdido todos os seus haveres.

PERDEU-SE

Um porta-moedas contendo dois pares de brincos à raínha.

Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção. 244

Padarias de pão de milho e de trigo

ALUGAM-SE OU VENDEM-SE, por motivo de doença do seu proprietário. 180

Informa-se nesta Redacção.

AVISO

Recenseamento Eleitoral

João das Neves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal:

Faço saber que, pelo espaço de 10 dias, se acha exposto nos Paços deste Concelho, para efeitos de reclamação, o Recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República, referente ao ano de 1950.

Os interessados ou outros que estivessem inscritos no Recenseamento no pretérito ano, podem apresentar as suas reclamações ao Ex.mo Presidente da Câmara Municipal, em papel comum, e instruídas com os documentos convenientes até ao dia 15 de Maio.

As reclamações, que devem ser assinadas pelo reclamante ou por um procurador, com a assinatura reconhecida por notário, só podem ter por objecto:

1.º — Eliminação do recenseamento dos eleitores indevidamente inscritos;

2.º — Inscrição, na altura própria, dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficiosamente, deixaram de o ser.

Para conhecimento de todos os interessados e em cumprimento do referido decreto, publico o presente aviso, que faço afixar em todos os lugares públicos do Concelho.

Paços do Concelho, 29 de Abril de 1950.

João das Neves.

DELIBERAÇÕES CAMARÁRIAS

Avenida Conde de Margaride

Na sessão de 20 de Abril, a Câmara Municipal encarregou a sua repartição técnica de proceder a um estudo para melhor arranjo urbanístico da Avenida Conde de Margaride, de forma a fazer desaparecer as inestéticas placas que se encontram nos passeios e, possìvelmente, colocar ao centro daquela Avenida uma placa, o que se torna mais conveniente e e estabelece duas faixas de rodagem, como nas modernas artérias.

Novo Matadouro Municipal

Na mesma sessão foi aprovada a revisão da localização do novo Matadouro, de modo a que este possa ficar situado na zona rústica junto do Selho, entre a Atouguia e Caneiros, e não na parte alta da cidade, próximo de Margaride, como tinha sido localizado pelo Sr. Arquitecto Urbanista. Deste modo o novo Matadouro terá mais facilidade de abastecimento de água e de instalação de esgotos, pelo que esta deliberação merece os melhores aplausos.

Curso Jurídico de 1930-1935

(Universidade de Coimbra)

Nos dias 22 e 23 de Maio reunirá em Coimbra o Curso Jurídico de 1930-1935, do qual fazem parte, entre outros, os Drs. Albano Nogueira, Encarregado de Negócios em Tóquio, A. Abranches de Soveral, advogado em Vizeu, Costa Ferreira e Paiva Manso, advogados no Porto, David Fernandes Júnior, Director das Cadeias Civis Centrais de Lisboa, Elísio Vilaça, advogado na capital e administrador-delegado da Companhia do Boror, João Assis, Melo e Castro e Morais Alçada, advogados e actuais deputados da Nação, António Bandeira e Ferreira da Costa, Juizes de Direito, João Moreira, Presidente da Federação das Caixas de Previdência, e João Neves, Paneira do Amaral e Ribeiro de Meireles, delegados do I. N. T. P..

As inscrições podem ser comunicadas a qualquer dos componentes do curso, residentes em Coimbra, Drs. Hernani Marques, advogado, com escritório na Rua da Sofia, 155, e Pimentel de Sousa, Secretário da Universidade, os quais esperam a urgente adesão de todos os condiscípulos que hajam pertencido ao referido curso ou o acompanharam nalguns anos e desejam comparecer na reunião.

Notícias de Guimarães n.º 953-7-5-950.

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

Para os devidos efeitos se faz público que à 3.ª secção da secretaria judicial desta comarca foi distribuída uma acção especial intentada por José Gomes, casado, do lugar de Mogege, freguesia de S. Torcato, contra seu irmão Manuel Gomes, solteiro, domiciliado no mesmo lugar e freguesia, para o fim de ser decretada a interdição por demência deste, por incapacidade total.

Guimarães, 29 de Abril de 1950.

O Juiz de Direito, 251

Lobo e Silva.

O Chefe de Secção,

Albino Leite da Silva.

ESCRITÓRIO TÉCNICO COMERCIAL

(Junto à Secretaria Notarial)

TELEFONE, 40255

Contabilidade, línguas, dactilografia, caligrafia, serviços tipográficos, foto e zinco-gravuras, foto-cópias, informações comerciais, contencioso do trabalho, condicionamento e propriedade industriais, publicidade, seguros, secção de contrtbuintes, automobilistas, administração de propriedades, etc. 248

Rua da Caldeiroa, 16/16 A

GUIMARÃES

Lêde a preagal e «Notícias de Guimarães»

Sapataria OLIVA

48, Rua de Santo António, 52

Telefone, 40165

Sapatos para Senhora

Se V. Ex.ª deseja acompanhar a moda, encontrará nesta sapataria as últimas criações fornecidas pelos melhores fabricantes de LISBOA.

Sapatos para Homem 230

POR TUDO...

O MELHOR

NO GÉNERO!

Ao Comércio e à Indústria

Utilizem os 225

Transportes de Mercadorias

da EMPRESA AUTO-RECOVEIRA VIMARANENSE

aonde serão servidos com

Rapidez, Economia e Seriedade.

Avenida Conde de Margaride — Telefone, 4417 — Guimarães

No PORTO — Rua Duque de Saldanha, 244 — Telefone, 51511.

MADEIRAS — NOVA BAIXA DE PREÇOS

ALBERTO PIMENTA MACHADO & FILHOS, vêm participar a todos os seus Ex.mos Clientes que, a partir de 1 de Maio p. f., **dão uma grande baixa nas madeiras, quer em pelo, quer aparelhadas.**

Assim, passam a vender estas:

Forro aparelhado	de 3.ª	qualidade	Escs. 22$00
» »	» 2.ª	»	Escs. 24$00
» »	» 1.ª	»	Escs. 28$00
Soalho aparelhado	de 3.ª	qualidade	Escs. 12$00
» »	» 2.ª	»	Escs. 14$00
» »	» 1.ª	»	Escs. 16$00

AOS SRS. AUTOMOBILISTAS:

Cuidem dos vossos CARROS, entregando-os aos

Serviços Técnicos da Garagem Auto-Recoveira Vimaranense

ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Recomendada pelo Automóvel Club de Portugal.

AVENIDA CONDE DE MARGARIDE

TELEFONE, 4417

GUIMARÃES 224

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazens de Retem e Depósitos

(Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57